

Veículo: O GLOBO / SEGUNDO CADERNO

Data: 28/02/2000

Cliente: IBEU, 60 ANOS DE SRTE

O PONTO DE PARTIDA • Continuação da página 1

Galeria já lançou obra que acabaria exposta no Jeu de Paume, em Paris

'O fantasma', de Antonio Manuel, é uma das apostas bem-sucedidas

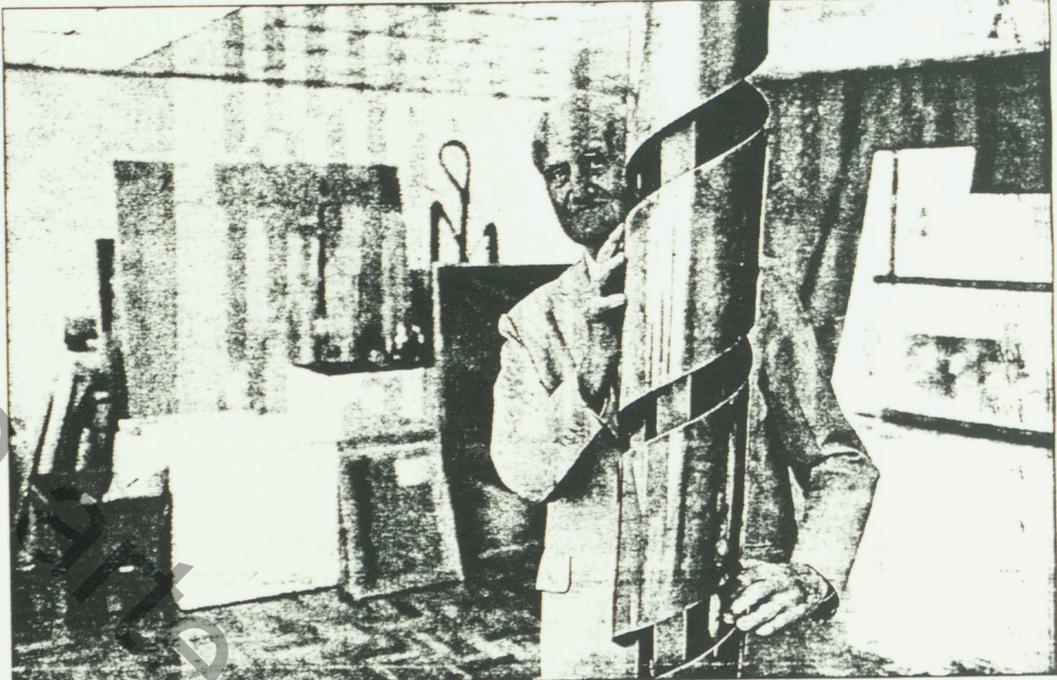
A curadora de "Ibeu, 60 anos de arte", Esther Emilio Carlos, acredita que a aposta no novo é a grande marca da galeria, que acaba projetando artistas e servindo de termômetro para outras instituições. Em 1994, por exemplo, Antonio Manuel montou na sala de Copacabana a instalação "O fantasma". Além de receber o Prêmio Ibeu como melhor mostra do ano, Manuel seria convidado a apresentar a peça na Bienal de São Paulo de 1998 e, de lá, o trabalho viajaria para o Jeu de Paume, em Paris.

— Mas esta aposta no novo é feita com muito rigor e critério — explica Esther, que nos anos 90 promoveu na galeria exposições de artistas contemporâneos como Ernesto Neto, Rosângela Rennó, Marcos Cardoso e Franklin Cassaro. — Nestes anos todos, o Ibeu até expôs trabalhos de gente que não seguiu carreira, mas mesmo assim eram pessoas que tinham obras de qualidade.

Em 60 anos de vida, mais de 600 mostras realizadas

O mais impressionante na história do Ibeu é que a galeria nunca teve o luxo e as facilidades de outras instituições privadas. No início, não tinha sede própria, tendo saracoteado por salas emprestadas pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa e a Escola Nacional de Belas Artes. Só em 1951 abriu uma pequena loja de rua, no número 103 da Rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Nove anos mais tarde, ganharia a sede que existe hoje, bem mais confortável, mas no sétimo andar de um prédio em Copacabana. O único chamariz é o logotipo do curso de inglês, que funciona pisos abaixo.

Apesar disso, realizou mais de 600 mostras ao longo dos 60 anos, abrigando obras de artistas como Guignard, Portinari, Tarsila do Amaral, Tomie Ohtake, Farnese de Andrade, Gilvan Samico, Oswaldo Goeldi e Hélio Oiticica, todos eles representados com uma obra cada na exposição comemorativa. Recebeu ainda atrações internacionais como Alexander Calder, que fez no Ibeu sua primeira mostra no Brasil. E organizou séries temáticas memoráveis como "O rosto e a obra", apresentada por oito



Leonardo Aversa

MURILO BELCHIOR, presidente do Ibeu, na galeria de Copacabana: olhos voltados para as novidades

Renovação que não se torna folclore

Ibeu atraiu simpatia por conseguir se manter independente

Wilson Coutinho

• A Galeria do Ibeu começou até com certa timidez, expondo um dos pioneiros da gravura em metal no Brasil, Carlos Oswald (1882-1971), nascido em Florença e filho do compositor Henrique Oswald. Deve-se lembrar que, na época, haviam poucas galerias comerciais no Rio. Tarsila, Portinari e Guignard expunham muitas vezes em hotéis. Foi também no Ibeu que o artista americano Alexander Calder (1898-1976), já uma vedete internacional, morando na casa do pai do escultor Sérgio Camargo, realizou praticamente uma retrospectiva no local. Sem nenhum efeito na escultura brasileira, que só iria se modificar com a Bienal de São Paulo de 1951.

O Ibeu, ao longo de sua história, teve uma dupla vantagem. Nunca foi considerado algo que promovesse a cultura americana, a pop e o expressionismo americano — movimentos artísticos puramente dos Estados Unidos. A verba para manter a galeria vem dos alunos de seus cursos, e ela não se instalou,

como a antiga e bela Biblioteca Thomas Jefferson, na Avenida Atlântica, vulnerável às pedradas dos esquerdistas. Ela sempre se manteve independente, com total indiferença pela cor política dos seus expositores. Isto lhe deu uma simpatia até hoje.

Não se meteu nas nossas batalhas entre figurativos e abstratos, isto numa época, 1961, em que o cantor Frank Sinatra era um pintor amador, de tendência abstrata, que poderia ser um precursor num país de guerras atrasadas.

Expôs — e muito — artistas brasileiros. Foi lá que o artista Cabelo iniciou suas experiências e que, antes de ir para a Bienal e para o Jeu de Paume, em Paris, Antonio Manuel mostrou sua instalação "o fantasma". Exibiu obras de Barrão e de Fernanda Gomes. Na sua área de 138 metros quadrados, sempre a arte brasileira teve seu privilégio e muitos deram seus primeiros passos naquela área. O que mais mostra a importância da galeria do Ibeu, além de sua independência, é o fato de olhar o novo com atenção e serenidade. Sem fazer folclore disso.

anos, e "Novíssimos", que começou em 1967 e tem edições anuais até hoje.

Na lista dos que expuseram na galeria e não seguiram carreira, chama atenção um certo Paulo Estelita Herkenhoff. Em 1973, o crítico de arte, que suprimiu o nome do meio e hoje é um dos curadores do MoMA,

apresentava seus trabalhos na mostra "Valores novos" ao lado de Hélio Guimarães Pellegrino. De Nova York, um bem-humorado Herkenhoff evita falar sobre este passado.

— Paulo Estelita Herkenhoff era meu pai, eu sou Paulo Estelita Herkenhoff Filho — desista ele, embora se saiba que

seu pai, morto há dois anos, era bibliófilo e vivia na cidade capixaba de Cachoeiro do Itapemirim. — Mas tenho que dizer que o Ibeu realizou, ao longo destes anos, um trabalho raro pela produção brasileira. A arte contemporânea mereceu da galeria um apoio fundamental. ■